

Sufrimento e Esperança: Reflexões a partir de Andrés Torres Queiruga

*Felipe de Moraes Negro*¹

Resumo: Objetiva-se nesta comunicação apresentar uma reflexão sobre a temática do mal e do sofrimento a partir da perspectiva de Andrés Torres Queiruga que se destaca por fazer uma teologia comprometida com os paradigmas do mundo contemporâneo. Após mostrar que a problemática do mal atravessa os tempos, e continua sendo pertinente na atualidade, uma vez que “O mal não é castigo, mas sim a passagem inevitável do crescimento em toda existência finita.” Assim sendo, ao longo deste trabalho apresentar-se-á reflexões embaladas pelo mal e o sofrimento neste contexto pandêmico hodierno, para que ao final, a partir de Andrés Torres Queiruga, diante das religiões, se oferte ao leitor, o caminho da Esperança como o limiar contínuo para a busca de uma humanidade efetivamente comprometida com o bem.

Palavras-chave: Sofrimento. Esperança. Andrés Torres Queiruga

INTRODUÇÃO

Assim como nas guerras, as grandes catástrofes pandêmicas nos fazem pensar: por que tanto sofrimento? Por que Deus permite isso, tantos mortos por Covid-19 e tanta gente sofrendo? A interpelação faz até mesmo o mais fiel dos crentes pensar. Nessas situações-limite, podemos ser levados a respostas rápidas e o desespero pode nos levar a concluir que todo o mal que passamos, como agora na pandemia, é castigo divino. No entanto, Andrés Torres Queiruga, nos propõe outra chave de leitura: “O mal como problema nasce com a humanidade”, e ele nos toma de assalto, como agora na pandemia. Por isso a importância de uma perspectiva Evangélica, ou seja: “A questão do mal e do sofrimento no mundo [pós] pandêmico à luz do mistério pascal”.

1 RESPOSTA CRISTÃ AO MAL E AO SOFRIMENTO A PARTIR DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA NO CONTEXTO PANDÊMICO E PÓS-PANDÊMICO:

Com o tema “O mistério pascal e a resposta cristã à questão do mal e do sofrimento (uma abordagem na perspectiva da teologia trinitária do sofrimento de Deus)”, Queiruga destaca que o mal é uma preocupação de todas as religiões, mesmo daqueles que não creem em Deus: “O cristianismo é uma resposta a esse problema universal. A questão é que há grandes ambiguidades na hora de o enfrentar”. Assim, aponta para o risco de cairmos num maniqueísmo em que jogamos com a própria figura de Deus, que nos leva a interrogar se Deus é bom ou mau. “Quando nos vemos diante do mal, do coronavírus, por exemplo, pedimos para

¹ Graduado em Filosofia e Teologia pela Puc-Campinas; Especializando em Mariologia pela Faculdade Dehoniana; Especializando em Bioética pela UCS; Mestrando em Ciência da religião pela Puc-campinas. E-mail : padrefenegro12@gmail.com

que Deus acabe com o mal. Supomos que pode acabar, mas não pode. Afinal, se Deus é amor e há mal no mundo, isso não pode vir de Deus”.

Para superar esse maniqueísmo (visão de mundo que divide em poderes opostos), sugere que pensemos que Deus está conosco no mundo apesar do mal. “Vejam, novamente no exemplo do novo coronavírus, se pensarmos que Deus poderia evitar a doença, por que não o faz? Isso nos leva, na verdade, a um falso problema”, observa. Para ele, é preciso que entendamos de onde vem o mal. “O mal é do mundo, é da finitude do mundo. Logo, é um produto inevitável da finitude”.

Isso significa que o vírus, por exemplo, não é criação de Deus como castigo, mas sim que Deus está conosco para que possamos enfrentar o vírus mesmo dentro de nossa finitude humana. “O mundo produz o mal. E por que Deus cria o mundo? A resposta cristã é que o mundo vale a pena apesar do mal. É isso que Jesus nos ensina ao se fazer humano como nós”.

2 “DEUS NÃO ESTÁ NA ENFERMIDADE, MAS NO ENFERMO”

Para ilustrar essa sua chave de leitura, Queiruga recupera a frase do pregador do Papa, Cardeal Cantalamessa, que chama atenção de que “Deus não está na enfermidade, mas no enfermo”. Na lógica trazida por ele, é pensar que Deus não criou a doença e não a pode tirar do mundo, mas pode e está ao lado daquele que sofre com a doença. “Deus não está no vírus, mas nas pessoas que lutam contra o vírus”, completa Queiruga.

Para Queiruga, é nesse mesmo sentido que a morte de Jesus precisa ser compreendida. “Muitos veem a morte de Jesus como grande sacrifício e há certa verdade nisso. Mas podemos limitar essa ideia do sacrifício, pois Deus se faz humano e finito e assim é confrontado com o mal”, explica. Assim, demonstra que o Cristo tinha plena confiança no pai e mesmo na cruz afronta a morte ao se entregar ao Pai. “E por isso acho importante lembrar o capítulo 8 de Romanos, quando São Paulo medita e ao fim conclui que ‘nada pode nos afastar do amor de Cristo’”. “Pai, sei que está me ajudando”.

Nesses tempos tão difíceis, os caminhos indicados por Queiruga nos estimulam a pensar que apesar de sofrermos com o novo coronavírus e os problemas do mundo, Deus está conosco, e não ausente, deixando que o mal aja, nem tampouco agindo pelo mal para nos castigar enquanto humanidade. É por isso que ele nos provoca a pensar na relação com Deus para além desse maniqueísmo e no que considera “uma via curta da teodiceia”, ou seja manter a confiança em Deus apesar da falta de lógica do discurso. Significa colocar o problema do mal dentro do mistério. Não se compreende totalmente, não há coerência lógica nos argumentos, mas continua-se confiando em Deus. E que forma melhor de repensar essa relação com Deus senão pela oração? É por isso que o professor Queiruga sugere: “a nossa oração não deve ser ‘pai, ajuda-me’, pois se creio em Deus sei que ele está comigo. Deve ser ‘pai, sei que está me ajudando apesar de não sentir. De tudo que está contra mim, espero que estejas comigo e me faças ver como me ajudar’”.

A questão do sofrimento refletida por Queiruga no âmbito trinitário do sofrimento de Deus, apresenta-se desde a perspectiva da ressurreição de Cristo, que se sobrepõe ao sofrimento a que o próprio Filho de Deus é submetido. “Jesus não foi aniquilado pela morte”, disse na época. “Senão que segue sendo ele mesmo na sua identidade pessoal, não diminuída, mas potenciada enquanto glorificada em Deus. A ressurreição da carne – eu prefiro dizer a ressurreição dos mortos – confessa Jesus já plenamente realizado como Jesus Cristo”. Isso significa que esse é “o Deus de vivos e não o Deus de mortos. O que ressuscita os mortos, todos os mortos e todas as mortas, desde o começo do mundo”. Logo, o sofrimento é vencido pela vida que se refaz. Mas, estando nós vivendo em tanta dor e sofrimento em tempos da implacável Covid-19, poderíamos ser levados a crer que o sofrimento é necessário. O problema é que dizer isso a quem perde um ente querido ou vê a doença esfacelar os nervos, deixando sequelas no corpo e na mente, pode soar um tanto perverso, configurando um Deus carrasco e punitivo.

Só que não é nessa linha que Queiruga nos incita a pensar. “Deus nunca entregou Jesus à morte, no sentido normal que as palavras têm, pois pensar assim seria atribuir-lhe um crime horrível. Jesus foi entregue à morte pela injustiça e pela maldade dos homens”. Pensando na pandemia, é como se vivêssemos as consequências de nossos próprios atos e sofremos, num sofrimento imposto por nós mesmos, para que ressuscitemos noutras relações conosco e com o próprio planeta.

CONCLUSÃO

A Esperança como chave. Essa reflexão de Queiruga acerca da Esperança propõe sobre este espectro da reflexão em curso, termos a possibilidade de não fixarmos nossos olhos nas mazelas da humanidade, mas a configurar nossas dificuldades na chave principal da fé que nos resgata o alvorecer de novos tempos e mesmo que abruptamente um “pequeno” vírus tem se colocado como protagonista de transtornos no mundo, fazendo de todos (pan) um único povo (demos): pela primeira vez uma “aldeia global”, tem também transtornado as fundações, fazendo cair, uma a uma, casas de papel, seguranças vazias, preocupações superficiais. Nisso já se é possível, vislumbrar o alvorecer de um novo jeito de se compreender e se viver, marcado com a presença do mal, mas que não dá a última palavra, isso se configura a Esperança.

Ao longo desse texto, fomos provocados a refletir que ao invés de vermos esse episódio como castigo de Deus, que quem sabe poderia até nos livrar ou aliviar toda essa dor, talvez seja mais interessante pensar na esperança de um Deus que é amor. Por isso, sugere que olhemos esse como um “cenário mais verdadeiramente humano na inesperada explosão de generosidade fraterna que nos une diante do sofrimento e da morte”. E sugere que “é urgente unir-se na luta: através do diálogo crítico nas interpretações, aproveitando o que nos une na prática, antes de chegar às diferenças na teoria”.

É aí que chega em suas provocações de pensarmos até mesmo a religião, pois “a religião precisa atualizar sua imagem de Deus e responder a ela com procissões ou súplicas que

tenham sentido apenas assumindo que um mundo-sem-mal é possível”. Afinal, como conclui, “quem acredita em Deus tem a tarefa urgente de tornar sua imagem atual. Um Deus que cria por amor e vive consignado à sua criação, mas com uma presença que não pode ser evidente, porque funda e promove sem interferir respeitando a autonomia das criaturas: tanto a das leis físicas, especialmente aquelas da liberdade”. Pois assim, acredita ele, “a esperança é possível, apesar do mal. E a humanidade tem o direito de se sentir acompanhada”.

REFERÊNCIAS:

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995. (Trad: Afonso Maria Ligório Soares).

_____. *Esperança apesar do mal*. A Ressurreição como horizonte.. São Paulo: Paulinas, 2007. (Trad.: Pedro Lima Vasconcellos).

_____. *Repensar o mal: da ponerologia à teodicéia*. 1º ed. São Paulo: Paulinas, 2011. (Trad.: Afonso Maria Ligório Soares).